

82.09
R696c
Ex 1
C 92569073

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00114507

Data 07 / 03 / 05

() Compra () Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

**A COMPLEXIDADE ENTRE ESSÊNCIA E APARÊNCIA EM “MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”**

Maria de Fátima Isenco Rodrigues

PONTES E LACERDA

2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

**A COMPLEXIDADE ENTRE ESSÊNCIA E APARÊNCIA EM “MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”**

MARIA DE FÁTIMA ISENCO RODRIGUES

Ensaio Monográfico de conclusão
do curso de graduação em Pontes e
Lacerda, apresentado ao
Departamento em Letras (DL) da
Universidade do Estado de Mato
Grosso – Campus Universitário de
Pontes e Lacerda, como requisito
parcial para obter o título de graduada
em Letras.

Orientadora: Renata Beatriz B. Rolon

PONTES E LACERDA

2004

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca
examinadora:

Local e data da aprovação

DEDICATÓRIA

Dedico esse meu trabalho à alguém que sempre este em meu pensamento, me estimulando a seguir em frente. Quando eu me deparava com algum obstáculo, me lembrava que esta pessoa quis sempre entrar em uma faculdade e conseguiu, mas Deus permitiu por um mês que este seu sonho se realizasse, depois a levou embora.

À você, minha querida e inesquecível amiga Gisele (In memória), onde quer que esteja..., esta é uma homenagem á você. Saudades...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu que eu subisse mais um degrau na minha vida.

À toda a minha família, ao meu namorado Gilson que soube suportar meus nervosismo e muitas vezes minha ausência, obrigada pela paciência e por me incentivar sempre.

À minha orientadora Renata que não mediu esforços para que este trabalho se concluísse.

À todos aqueles que direto ou indiretamente contribuíram para que esse sonho se realizasse. Em especial minhas amigas Elisangela, Márcia e Marli, que estiveram comigo nas horas mais difíceis durante toda essa caminhada. Obrigada por tudo, vocês são especiais.

SUMÁRIO

Resumo.....	01
Introdução.....	02
1-Machado de Assis e o realismo no Brasil.....	03
1.1 - O narrador em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	04
1.2 - Um olhar sobre Machado de Assis.....	06
2 - Personagens em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	09
2.1- De onde vem a voz de Brás Cubas?.....	11
2.2 - A ironia presente em Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	13
3 - O perfil psicológico da personagem Virgília.....	15
3.1- O casamento por interesse.....	17
Conclusão.....	20
Bibliografia.....	21

RESUMO

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, (1881) Machado de Assis desloca o foco de interesse do romance, o qual não enfatiza a vida social ou a descrição das paisagens, mas a forma como seus personagens vêem e sentem as circunstâncias em que vivem. Em vez de destacar os espaços externos, investe na caracterização dos personagens, com suas contradições e problemáticas existenciais, sem perder de vista a realidade brasileira. Para melhor compreender essa abordagem analisaremos a vida do personagem Brás Cubas e seu relacionamento com as pessoas, especialmente com a personagem Virgília. Para tanto realizamos leituras e nos contextualizamos do período histórico da obra analisada, o qual se deu num período de transição.

PALAVRAS-CHAVE: ironia, casamento por interesse, adultério, romance de transição.

Introdução

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, editado em livro no ano de 1881 e publicado em folhetim no ano anterior, na *Revista Brasileira*. É um dos mais importantes romances da literatura brasileira e marca uma mudança de orientação, caracterizado tanto na técnica da ficção, quanto na própria atitude geral do autor em face da vida. Apontado pela crítica como um *divisor de águas*, marca não só o início da estética realista, mas também da literatura machadiana, estabelecendo uma ruptura do escritor com os padrões românticos da época.

Memórias Póstumas, quando foi lançado, teve difícil compreensão, pois aquela sociedade não estava acostumada com a profundidade das reflexões e a linguagem existente na obra. Machado constrói uma narrativa onde o homem é vítima do sarcasmo e da ironia, da descrença na vida, do desamor e da traição. Os personagens são analisados em seus comportamentos, isto é, através da postura que assumem diante dos acontecimentos e da sociedade em que vivem.

A obra é narrada em primeira pessoa, por um morto que se propõe analisar a si mesmo e em seguida aos outros. Machado se preocupa em apontar a falta de grandeza do homem, uma vez que em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o escritor é o senhor de si mesmo, envolvido, na plena posse de seus recursos e que revela as desassossegadas machadianas no que diz respeito ao desenvolvimento da prosa de ficção.

Nos textos de Machado de Assis a linguagem deixa de ter uma função artística e obtém uma função crítica, pois questiona a si mesma e torna-se assim o seu próprio objetivo de discussão.

1—Machado de Assis e o Realismo no Brasil

A produção literária de Machado de Assis no Brasil, teve início a partir de 1881 e fez-se ver uma preocupação fundamental: a análise psicológica dos personagens, que são acompanhados pelo narrador nas mais diferentes circunstâncias. Machado proporciona ao leitor a visão de personalidades vivas, palpitantes e cheias de indecisões.

Na metade do século XIX sucedeu o consumo da literatura romântica, que se alimentava de uma visão idealizada da realidade, o que contribuiu para consagração do realismo.

Assim, inaugura no Brasil um realismo particular, que se investiga a fundo em busca do real e deixa de lado todas as suas aparências enganadoras, todas as suas representações simplificadoras.

O movimento realista procura representar a realidade de forma objetiva, em oposição ao idealismo romântico, procurando retratar a vida, a aparência, os problemas e os costumes das classes existentes, com seus fatos comuns e triviais.

Os autores realistas declaram sua rejeição a artificialidade do classicismo e do romantismo, enfatizando a necessidade de verificar verdade e contemporaneidade no trabalho artístico. Os artistas incorporados ao movimento propunham-se conscientemente a retratar aspectos até então ignorados da sociedade e da vida contemporânea, no que diz respeito a atitudes mentais, condições materiais e ambientes físicos.

Pode-se dizer que o realismo não se limita a descrições do que existe, mas se estende a participação ativa do artista na representação das novas formas da realidade.

O realismo no Brasil teve um forte caráter ideológico que atravessou o realismo europeu, tanto na pintura como na literatura, sem nenhum correspondente no Brasil. Mas precisamente, foram julgadas realistas as obras brasileiras que, por descrição anti-românticas, não se incluísem nas determinações da época e indicassem uma nova estética. Assim, pode-se dizer que traços realistas estiveram presentes em obras anteriores ao nascimento da ficção propriamente brasileira.

O realismo brasileiro atraiu uma espécie de tomada de consciência geral em todos os campos do conhecimento, traduzida, inclusive, em participação política ativa de vários intelectuais, que desde essa época começaram a interessar-se mais objetivamente pelos problemas nacionais e suas soluções.

1.1- O narrador em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Nos romances de Machado de Assis, o narrador é sempre onisciente: acompanha seus personagens até os mais ocultos pensamentos, que vão sendo destinados para o leitor. Geralmente, seus romances são narrados em primeira pessoa, como é o caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, onde Brás Cubas é o seu respectivo narrador.

Além da onisciência do narrador e de sua incessante intromissão na história para conversar com o leitor, os romances de Machado são caracterizados pela correção de linguagem, num estilo conciso, que faz do leitor um dos clássicos da língua portuguesa.

Machado de Assis, ao escolher a situação fantástica de um morto que conta histórias, segundo Marli Fantini Scarpelli, *um personagem-narrador que somente se constitui enquanto tal depois que morre* e que mesmo estando do outro lado da vida procura mais *parecer* do que *ser*, isto é, que mente, ilude e distorce os fatos ocultando suas misérias para que sejam vistas como superioridade, questiona tanto a forma quanto o conteúdo do realismo tradicional. Vejamos:

(...) o aparecimento do Brás Cubas modificou a ordem estabelecida: as posições de José de Alencar, de Manoel Antônio de Almeida, de Taunay, de Macedo – até então os grandes nomes da nossa ficção – tiveram que ser sensivelmente alterados. (Pereira: 1997,235)

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a cronologia do livro é arbitrária, e o narrador nos fornece vários episódios de sua infância, juventude e maturidade, todos para caracterizar o conceito machadiano do homem egoísta e falido.

O fato de Brás Cubas colocar-se como um *defunto autor*, isto é, como alguém que conta a sua vida de além-túmulo, dá-nos a impressão que se trata de uma descrição caracterizada pela imparcialidade de quem já não tem necessidade de mentir, após ter deixado o mundo e todas as suas ilusões.

Podemos perceber que esta é uma das famosas armadilhas machadianas, contra a credulidade do leitor ingênuo e romântico de sua época.

Portanto um dos caminhos para compreendermos a obra é justamente desconfiarmos do narrador, colocar em dúvida a veracidade do que conta e prestar atenção

nas possíveis *pistas* que denunciam suas mentiras, seus exageros, sua *mania de grandeza*. Walter Benjamin em seu artigo *O narrador*, nos relata que:

(...) entre todas as formas épicas não há nenhuma cuja presença na luz pura e incolor da história escrita esteja mais a salvo de dúvidas do que a crônica. E na amplitude dos aspectos existentes na própria crônica, enfileiram-se as formas narrativas como se fossem matizes de uma única cor. (Benjamin: 1975, 72)

Dessa forma, percebemos que os sentidos mais profundos que transpõe o romance, por meio da ironia fina e implacável de seu criador.

Na verdade Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, revela-nos um narrador absolutamente livre de quaisquer convenções, que não sejam as que o tornam inteligível para os leitores seus contemporâneos. Com tal narrador, pode ele escrever o que queira, sem ser limitado por convenientes e por regras castradoras do objeto histórico que se dispõe a construir. Isso se evidencia no capítulo VII:

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, a ciência me agradecerá. (Assis: 2001, 23)

1.2— Um olhar sobre Machado de Assis

Brás Cubas, pai de si mesmo, ou *autor de si mesmo*, na expressão do próprio Machado de Assis. Em reforço eu direi que ele era uma verdadeira *mutação transmissível*, pois transmitiu sua pinta a vários personagens posteriores de romance e conto, e a todo momento do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* percebemos a inflexão da sua voz, ou do seu estilo, interferindo no diálogo do autor com seu leitor. Sendo impossível não pensar em Machado de Assis quando se pensa na afirmação e na consolidação da Literatura Brasileira, pois Machado foi escritor único de seu tempo e muito superior a seus contemporâneos, o seu estilo inovador abalou e mudou as convenções literárias tradicionais e, a partir de então, sua escrita passou a configurar como referência às novas tendências ficcionais que o seguiram.

Machado de Assis se impõe entre os escritores que se dedicaram ao gênero romanesco, sendo a crítica literária unânime em recolher nele um romancista exemplar e realçar-lhe as qualidades como ficcionista, principalmente depois da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra que lhe abriu caminho para o amadurecimento artístico. Machado de Assis significa muito para a Literatura Brasileira, pois foi através do seu renascimento como escritor que se inaugurou um novo caminho literário, à medida que ele sintetiza tanto as normas do passado, com as quais rompe, quanto as futuras, que prenuncia.

Uma vez que é de preservação e ruptura, tradição e inovação que a literatura se afirma e evolui, Machado de Assis ocupou um lugar de destaque neste processo pois sempre visou o aperfeiçoamento artístico, a melhor forma de expressão, a originalidade da escrita.

Podemos afirmar que existe uma modernidade em Machado de Assis, pois ele antecipou temas e recursos estilísticos que mais tarde caracterizaram a literatura denominada modernista. Ou seja, ele foi um autor moderno coexistindo paralelamente a dois estilos que não eram o seu. Em vez de se submeter às estreitas convenções da época, Machado de Assis assumiu uma postura de rompimento e busca. Ele rompeu com as tradições românticas e não aderiu à realista. Podemos dizer que o que restou de romântico em Machado de Assis, principalmente na sua

produção da maturidade, é a temática de época, ou seja, o escritor segue a tradição que dava preferência aos romances urbanos, que ambientavam sua intrigas em cenários citadinos, mais especificamente no Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil e o grande centro comercial, político e sócio-cultural do período; desenvolvendo temas ligados à vida social como o casamento, o adultério, a ascensão social, a atividade política, etc, redimensionando-os com uma abordagem original e requintada, dando, ao seu estilo, vida nova a assuntos já gastos e comuns.

O realismo existente em Machado de Assis está na visão racional que tem do mundo, diferentes das obras românticas que tem como característica o idealismo imaginativo. O autor se preocupa a verdade material, assencial e universal do ser humano, ou seja, ele se preocupa em mostrar a realidade sem máscaras do ser humano.

Com isso, Machado de Assis acaba criando a sua própria poética, o autor foge ao comum, ao corriqueiro, como declara implicitamente no capítulo *Transição* de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília: Virgília foi meu grão-pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento: e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que divirta a atenção pausada do leitor: nada. De modo que o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez do método. Na verdade, era tempo. Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata e suspensório, mas um pouco à fresca e a solta, como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. É como a eloquência, que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra tesa, engomadora e chocha. Vamos ao dia 20 de outubro. (Assis: 1978,39)

Machado de Assis critica com uma linguagem divertida e irônica, a rigidez das normas e dos métodos pré-estabelecidos, deixando bem claro qual será a sua atitude perante o convencionalismo. Para ele, são os métodos que deve servir à escrita e não o oposto. É daí que vem o seu estilo mais livre, solto, natural. Uma vez que Machado de Assis tem plena consciência de que ele será um escritor de *transição*, alguém que irá abalar um quadro estável introduzindo formas inovadoras de perceber a realidade e de representá-la literariamente. Sendo óbvio o seu descontentamento com a estética romântica, que ele a configura como *tesa, engomadora e chocha*.

Com isso nos fica claro que Machado de Assis defende o experimentalismo artístico, ele põe em prática técnicas narrativas audazes e renovadoras em relação ao envelhecimento industrial do romantismo e do realismo. O projeto geral de sua obra visa criticar à tradição literária e seus meios expressivos.

Podemos afirmar que o objetivo do autor é desautomatizar os procedimentos convencionados pela estética romântica e realista, tornando singular os processos que utiliza na articulação da matéria narrativa e do código romanesco de uma forma nova, diferente e inusitada, propondo uma renovação da linguagem ficcional através do questionamento do processo narrativo e da apreciação da ficção enquanto ficção. Nesse sentido, podendo dizer que, os narradores machadianos desempenham uma importante função no texto, sendo o elo de ligação entre autor e o(s) leitor(es).

2- Personagens em Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis cria os personagens não como seres extraordinários, mas comuns, que apresentam uma junção de sentimentos, até mesmo contraditórios que entram e saem de cena conforme os pensamentos de Brás Cubas. Com a complexidade do ser humano, torna-se difícil tachar os personagens em bons ou maus.

Machado de Assis por meios dos personagens mostra-nos de maneira perspicaz e impiedosa, a vaidade, a futilidade, a hipocrisia, a ambição, a inveja, a inclinação ao adultério.

O que interessa em Machado de Assis, não é a descrição do exterior, mas, penetrar na consciência de cada personagem, descrever um mundo complexo em que descobre e denuncia, com frequência, fraquezas humanas, como por exemplo a paixão pelo dinheiro, o egoísmo, o medo da opinião alheia, o adultério, a dissimulação e a vaidade.

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é descrita uma interesseira cortesã, ou seja, uma prostituta de luxo chamada Marcela, que acaba sendo ofendida pela varíola e que fora a primeira paixão de Brás Cubas. Este provavelmente sentiu um prazer doentio ao descrever as marcas no rosto da espanhola. A descrição da personagem é tão minuciosa que dá-nos a impressão de vingança, um castigo pelo destino; cujo amor por Brás Cubas duraria quinze meses e onze conto de réis.

Um dos poucos amigos que Brás Cubas tem é Quincas Borba, que é descrito inicialmente como um mendigo que rouba relógios e mais adiante é relatado como um filósofo doido.

Lobo Neves mostra-se um supersticioso inconseqüente, frio e calculista, que toma o mandato de deputado e a noiva Virgília, de Brás Cubas.

Cotrim, interesseiro, cunhado de Brás ao qual tivera que repartir a herança do pai.

Eugênia, filha de Eusébia e Vilaça, muito bela embora coxa:

(...) Eugênia coxeava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé. (Assis:2001,61)

Nesse momento fica evidente um dos preconceitos de Brás Cubas:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lícidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? (Assis: 2001,61)

Marli Fantini Scarpelli fala-nos que o desrespeito de Brás Cubas:

(...) começa com a perversão da etimologia: parodiando a relação significante entre nome e pessoa nomeada, Brás refere-se pejorativamente à moça "bastarda e manca" como "coxa de nascença". (Scarpelli: 1998,59)

Dona Plácida, empregada de Virgília, sua confidente e também protetora da sua relação de adultério com Brás Cubas:

(...) Notou a resistência de Dona Plácida, as lágrimas dos primeiros dias, as caras feias, os silêncios, os olhos baixos, e a minha arte de suportar tudo isso, até vencê-la. (Assis: 2001,98)

O universo narrativo criado por Machado de Assis, os bons sentimentos, quando surgem, escondem sempre uma outra face, egoísta e hipócrita.

2.1- De onde vem a voz de Brás Cubas?

Sendo ele um defunto autor, ou um autor defunto, vem do outro mundo. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tudo parte de um ponto de vista arbitrário e super-realista.

O tom de Brás Cubas sua gratuidade, logo de início requer um ambiente de aceitação irresponsável de ironia solta. Ou seja, o leitor não pode levar a sério o tom do suposto autor que logo de saída se vê na eventualidade de preparar um sorriso divertido ou meio forçado, conforme passam a reagir os seus nervos.

O defunto olha através de uma fenda invisível e, em vez de ascender na solução sublime, solene das mensagens de além-túmulo, ele fala num tom engraçado, às vezes malicioso, sempre repassado de ironia e dubiedade.

O suposto autor, para manter o imprevisto, que é a garantia melhor da sua pessoa, logo no início, nega o estilo que mais convém à sua tarefa, e reentra em sua pele. Ou seja, ele recupera a vida que viveu no tempo e no espaço, com a finalidade de descrevê-la em sua plena continuidade evolutiva e normal. Passando a ter uma condição de simples mortal ainda ameaçado de morte, como todos nós, mas enriquecido da experiência do outro lado da vida.

Com isso acontece uma troca de atitudes e uma mudança de tom de voz; onde o tom metafísico e gratuito de Brás Cubas humaniza-se, ou seja, submete-se à humilde relação dos memorialistas, não tendo maiores pretensões. Com o seu delírio colocado no começo do livro, ele retoma a sua vidinha, para poder contá-la na linguagem normal das autobiografias.

Sem dúvida, a situação criada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* já é por si mesma absurda, ou seja, ela sugere uma espécie de máscara, onde o verdadeiro autor ajusta e retira a máscara na cara do leitor, como quem não leva a sério fabricar uma ilusão romanesca, criar um ambiente que dê aos leitores certo fingimento de vida a evoluir no tempo. Existindo com isso duas encarnações de Brás Cubas. A primeira é aquela em que o espectro atravessa a barreira existente entre a vida e a morte e a segunda encarnação é o simples solteirão de Catumbi, ou seja ele já vivo, reencarnado. Estas encarnações em vez de

servirem de máscara ao legítimo autor, estão revelando a todo instante a sua presença absorvente.

O tom de Brás Cubas insinua-se de tal modo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, obra de sua maturidade enquanto escritor, que acaba confundindo, com o estilo do próprio autor. É como se Brás Cubas soprasse no ouvido do autor frases, trechos ou até mesmo capítulos inteiros, o que está bem claro nos capítulos iniciais de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

O caso de Brás Cubas ser um *personagem-máscara*, é um exemplo ideal para levantar a questão das relações que existem entre a experiência vivida e a experiência romanesca. Uma vez que o homem, não conseguindo libertar-se da obra, muito menos renunciar ao artista, sofre o seu influxo em mais de um sentido. Isso ocorre quando o personagem-máscara, feita de muitas virtulidades humanas do seu criador, passa a impor-se no diálogo da vida interior do homem como interlocutor ideal, como a imagem de outro eu menos tolhido pela coerção social, mais concorde aos propósitos de sinceridade, crítica livre e desassombro que é obrigado a sopitar em sua vida cotidiana.

Nós imaginamos de vez em quando um Machado de Assis que, a contar do parto genial do seu autor defunto, passou a receber a visita do parceiro cada vez mais vivo, sempre ágil e armado de argúcia irônica. Ou seja, o autor defunto adquiria ao passar da narrativa voz própria, interferindo a todo momento no desenrolar da narração.

2.2 A ironia presente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, inaugura uma nova fase, tanto na Literatura Brasileira, como também na própria produção literária do autor Machado de Assis. A referida obra exige novos leitores, pois o público de até então não estavam acostumados com romances em que a história apresentavam-se lineares, com começo, meio e fim, têm suas intrigas todas resolvidas no último capítulo.

Imaginemos então o leitor tendo em mãos uma obra dedicada aos vermes...

*Ao verme que primeiro roeu as frias
carnes do meu cadáver dedico como
saudosos lembranças estas memórias
póstumas. (Assis: 2001,15).*

Assim Brás Cubas, de fracasso em fracasso, como podemos perceber no livro, torna-se o personagem símbolo da ironia machadiana quanto ao ideal burguês de *Vencer na vida*.

Para Antônio Cândido não se pode ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas* sem abandonarmos uma série de preconceitos, pois é preciso mergulhar no texto segundo Brás Cubas, com a *Pena da galhofa e a tinta da melancolia*, mas também, e, principalmente com imenso prazer com que acompanhamos as reflexões irônicos de Brás Cubas, suas sutilezas, suas insinuações, enfim, verdades que são ditas sem qualquer aparência de verdade, por isso são tão verdadeiras.

Machado de Assis utiliza-se de uma ironia acirrada em toda a sua obra, pois tinha consciência que o comportamento da sociedade carioca da época não tinha solução e que o único remédio era rir e ironizar a mesma. Como segue:

*(...) um dia de manhã, estando a
passear na chácara, pendurou-se-me
uma idéia no ptrapézio que eu tinha no
cérebro. (Assis: 2001,18)*

Assim Machado compõe a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de acordo com as lembranças do narrador Cubas. Com um humor invejável, o narrador instiga

o leitor a ir além do que está escrito e sugere ao mesmo tempo que interprete a obra com criticidade. Como podemos comprovar a seguir:

(...) toda representação passava a comportar, pelas implicações de sua forma, um ingrediente político, e a ousadia literária consistia em salientar isso mesmo, agredindo as condições da leitura confinada e passiva, ou melhor, chamando o leitor à vida desperta. (Mota:2001,227)

Podemos afirmar que a duplicidade de Brás Cubas, ou seja, Brás Cubas enquanto narrador e Brás Cubas personagem, permitiu que o mesmo pudesse dizer tudo o que ele não diria em vida, instaurando assim a ironia em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* com a onisciência de Brás Cubas enquanto narrador.

3- O perfil psicológico da personagem Virgília em Memórias Póstumas de Brás Cubas

Com esta obra Machado de Assis pretendia mostrar a verdadeira face da mulher, expondo suas vontades e desejos, deixando de lado as idealizações românticas, na qual a mulher era vista como um ser idealizado, uma mulher perfeita moralmente.

Psicologicamente podemos afirmar que para tais momentos de fraqueza de Virgília, ela agiu com a emoção e o coração, no momento em que deveria agir com a razão e o realismo das ocasiões, já que as circunstâncias lhe facilitavam as oportunidades, algumas proibidas e outras impróprias. Ela que com toda sua beleza e uma posição invejável, não agiu adequadamente, pelo comportamento impróprio e tão debaixo dos olhos do marido, evidenciando sua culpa e seu carácter. Foi o caso do beijo no portão de sua casa:

(...) em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo, que ela me deu, trêmula – coitadinha -, trêmula de medo, por que era o portão da chácara. (Assis: 2001,78)

Isso não deveria ser levado adiante, mesmo trêmula fez daquele momento, que poderia ser lindo, um momento de vergonha para uma mulher casada daquela época:

(...) norma e transgressão existem, mas funcionam de maneira diversa do esperado. Entre as duas há com lugar para uma variedade de formas intermediárias, mais reais que o antagonismo. (SCHWARZ: 1998,127).

Virgília surpreendeu a alguns com suas lágrimas sincera no velório de seu esposo Lobo Neves, mas com a mesma sinceridade havia traído o marido, chegando a engravidar de Brás Cubas, quando Lobo Neves pensava que era seu, o filho que Virgília esperava, mas que não chegou a nascer. Virgília nesse momento da obra estava expondo o que realmente sentia por Lobo Neves, sem máscaras e sem fingimento. Por isso o narrador utiliza-se da personagem Virgília para mostrar-nos a necessidade que temos das outras pessoas em nossa volta e só percebemos quando as perdemos. Evidencia-nos também na

obra, a necessidade de manipulação que cada um tem para com as outras pessoas, dentro daquela sociedade.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Virgília é a peça fundamental para que as contradições entre personagens se evidenciassem e despertassem no leitor a curiosidade de ir além e imaginar os fatos que decorrem dessa obra, pois o autor deixou de mostrar-nos a mulher idealizada para mostrar aquela com vontades próprias e pensamentos já formados.

3.1 O casamento por interesse

A narrativa *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se passa no século XIX, nesta obra Machado de Assis afronta a sociedade da época, relatando o adultério de uma mulher, que contraria o comportamento pré-estabelecido pelo casamento, pois esta deveria ser vista como uma figura fiel e dedicada ao marido.

A mulher do século XIX era colocada como inferior ao homem, submissa ao poder e valia pelo dote que possuía, tendo como obrigação somente administrar as tarefas do lar e a responsabilidade de educar seus filhos, fazendo com que eles tivessem uma boa moral diante da sociedade, enfim a mulher era feia para o casamento, sem direitos de mandos e opiniões na sociedade. Podemos comprovar em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no seguinte trecho:

(...)Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa – caseira, apesar de bonita e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na terra o seu Deus...(Assis: 2001, 37).

Dentro do casamento o homem deveria ser representado como *cabeça do casal*, conforme segue:

No que se refere a associação conjugal, as ordenações Filipinas são claras: designa o marido como "cabeça do casal"(Stein: 1984, 29).

Isso fica evidente na obra, no capítulo XVII, quando Brás Cubas se vê frente a frente com o pai, quando este descobre o seu caso com Marcela, conforme fragmento:

(...)Estava furioso, mas de um furor temperado e curto. Eu ouvi – calado, e nada opus à ordem da viagem como de outras vezes fizera;...(Assis: 2001,42).

Brás Cubas mostra-nos na narrativa, que nesta época é o homem quem toma a frente da família, decidindo o que deve ser feito.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis apresenta uma mulher completamente oposta ao que exige o código moral da época. A figura feminina principal da obra é Virgília, uma senhora de classe alta, que é movida pelo interesse material, pois tendo que escolher entre Brás Cubas e Lobo Neves, escolhe Lobo Neves, interessada na posição social que este poderia lhe oferecer, como podemos perceber no capítulo XLII:

Então apareceu Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lindo, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou...(Assis:2001, 69).

Virgília é filha do conselheiro Dutra, Brás Cubas, movido pelas vontades do pai, fica noivo de Virgília, interessado na carreira política que seu pai podia lhe oferecer, como segue:

*(...)Trago dois projetos, um lugar de deputado e um casamento...
-Aceitas?...(Assis:2001, 55).*

Temos também:

Vencera meu pai, dispus-me a aceitar o diploma e o casamento, Virgília e a câmara dos deputados...(Assis:2001, 57).

Podemos perceber que o pai de Brás Cubas tem forte influência sobre o filho, pois apesar de não estar de acordo com as idéias do pai, não o contraria, mostrando-se obediente. Mas a união com Virgília não se concretiza, pois ela conhece Lobo Neves, um homem que já estava com uma carreira política mais estruturada, por isso Virgília abandona Brás Cubas e se casa com Lobo Neves, com o intuito de se tornar baronesa, como vimos no capítulo XLII, no qual Lobo Neves promete que a fará marquesa, que é o título do próprio capítulo, conforme o fragmento:

*- Promete que algum dia me fará baronesa?
- Marquesa, porque eu serei marquês.
(Assis: 2001,69).*

Nesta citação fica evidente, que a escolha de Virgília, não foi por amor, mas por interesse. Para Antônio Cândido:

O casamento nos tempos coloniais era contraído visando principalmente a interesses econômicos e políticos – ficando reservada importância apenas secundária a aspectos como afetos e atração sexual. (Apud: Stein, 1984, 34).

Percebemos que Virgília é uma mulher de classe alta casada com um homem de prestígio político, mas nada disso interfere no seu comportamento, pois ao invés de ser uma mulher dedicada e submissa ao marido, Virgília coloca em risco sua moral para manter aventuras amorosas com Brás Cubas.

Ao deixar que a capacidade do realismo por um momento caminhe à frente dos modelos literários, o autor faz com que o sentimento humano se torne símbolo sem sair fora da realidade ficcional. O que Machado de Assis nos evidencia nos seus romances é a *idealização do casamento* como concretizador do amor, em clara discordância com a realidade negativa da maioria dos vínculos conjugais.

O que há entre a vida e a morte? Uma curta ponte. Não obstante, se eu não compusesse este capítulo, padeceria o leitor um forte abalo, assaz danoso ao efeito do livro. Saltar de um retrato a um epitáfio, pode ser real e comum: o leitor, entretanto, não se refugia no livro, senão para escapar à vida.

Machado de Assis,

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Conclusão

Antes de concluir este trabalho gostaria de esclarecer o quanto foi prazeroso ler, reler e compreender o estado da alma em que se encontrava Machado de Assis em um momento primordial de sua vida, ou seja, no momento em que nasce um novo Machado de Assis. Voltemos ao assunto conclusão; na análise feita de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, podemos perceber que Machado faz sua análise com uma rara capacidade de penetração psicológica.

Machado de Assis coloca-se frente a uma literatura essencialmente crítica em que o comportamento feminino foi evidenciado, algo que era alvo da crítica social e cultural do escritor, a figura da mulher idealizada pelo romantismo e desmascarada, expondo sua realidade de forma agressiva.

Evidentemente Machado conduziu novo método de se criar um romance, recheado de galhofa e de melancolia. É importante ressaltar o jogo que aparece entre essência x aparência onde uma suposta amizade é na verdade um triângulo amoroso.

O interessante é que podemos relacionar o personagem principal, Brás Cubas, com muitos outros encontrados no nosso dia-a-dia. Homens estudados, com vida financeira estabilizada, mas que não se destacam na sociedade e nada fazem para que isso ocorra.

Bibliografia

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Ed. Martin Claret, S.P., 2001.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38º ed., São Paulo: Ed. Cultrise, 1994

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Ensaio machadianos*, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1971.

CÂNDIDO, Antônio. *Esquema de Machado de Assis vários escritos*, S. P.: Duas cidades, 1995.

COLTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*, vol.4 Era realista/Era transição, 4. edição.

COLTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura/oficina Literária*, direção de Afrânio Coltinho e J. Galante de Souza, Rio de Janeiro: FAE, 1989.

EULÁSIO, Alexandre. *Comemorativa do cinquentenário da morte de Machado de Assis*, Ed. Revista do Livro, Rio de Janeiro: Órgão do Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura, 1958.

MOTA, Lourenço Dantas. JUNIOR, Benjamim Abdala. *Persone grandes personagens da Literatura Brasileira*. Ed. Senac São Paulo, 2001.

SCHWARZ, Roberto, 1938- *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*/Roberto Chwarz.-3. Ed.- São Paulo: Duas Cidades, 1998.

STEIN, Ingrid. *Figuras Femininas em Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, col. Literatura e Teoria Literária vol. 54.